

RESENHA

O Pássaro de Césio, de Elisabete Nascimento¹

Por Antônia Santos²



O conto “Pássaro de Césio”, de Elisabete Nascimento, é uma narrativa de denúncia e memória que desvela, por meio da metáfora do pássaro metálico, o horror cotidiano imposto às comunidades periféricas e negras do Brasil. A autora transfigura a realidade da favela em uma escrita que combina dor, poesia e lucidez política, em um gesto que ecoa a escrevivência, conceito formulado por Conceição Evaristo, segundo o qual escrever é “inscrever-se” — transformar a experiência de vida negra em resistência simbólica e histórica.

A narrativa apresenta o relato de Beijafior de Lótus, mulher negra e sobrevivente do Morro da Providência, que desperta com o canto metálico de

um “pássaro de césio” — criatura híbrida entre máquina e metáfora, prenúncio da destruição. O elemento “césio” remete ao veneno radioativo, à contaminação invisível, enquanto o pássaro representa o drone militar — símbolo da modernidade armada que sobrevoa e extermina vidas sob a justificativa da segurança pública. Nesse jogo entre ficção e realidade, Elisabete Nascimento constrói uma alegoria da

¹ Pássaro de césio é um conto publicado na coletânea Pássaros de chumbo, organizada por Nágila Oliveira dos Santos e André Luiz dos Santos Silva, editora Revista África e Africanidades.

² Docente da Secretaria de Estado da Educação do Piauí.

necropolítica (no sentido de Achille Mbembe), em que o Estado decide quem pode viver e quem deve morrer.

O texto se estrutura em um fluxo de consciência fragmentado, revelando a instabilidade emocional da narradora, que é constantemente desacreditada por sua família e pela sociedade. A presença da Ziprazidona, medicamento usado no tratamento de transtornos psiquiátricos, funciona como metáfora do silenciamento imposto a quem denuncia o horror — o remédio é a tentativa de curar não o sofrimento, mas a lucidez. Nesse ponto, o conto assume um tom ambíguo entre o delírio e o testemunho, entre a voz desacreditada e a verdade coletiva.

A mãe Flor de Lótus, ao aconselhar a filha a “tomar providências” por meio do estudo e da escrita, simboliza a ancestralidade que resiste à morte. Seu chamado é o eco de uma tradição de mulheres negras que fazem da palavra um espaço de reconstrução de si e de sua comunidade. Esse gesto dialoga diretamente com Cristiane Sobral, cuja obra afirma a escrita como um ato de autoafirmação estética e política: a mulher negra, ao escrever, reivindica o direito à voz, à subjetividade e à narrativa própria. Assim, Elisabete Nascimento inscreve-se nessa genealogia de autoras que convertem a ferida em verbo e a exclusão em potência literária.

O universo da favela descrito pela narradora — marcado por mortes, desaparecimentos e silêncios — remete àquilo que Cidinha da Silva denomina literatura de enfrentamento: uma escrita que “fala do vivido e não apenas do lido”, expondo as estruturas do racismo e da desigualdade social com consciência política e estética. A autora de *Pássaro de Césio* escreve para expor as sujeiras históricas de um país que ainda “limpa” as marcas da escravidão com sangue negro. Nascimento confronta o discurso oficial da “ordem” e da “limpeza” urbana, revelando o preço humano das políticas de segurança e das heranças coloniais.

Há, ainda, uma profunda solidariedade entre as mulheres no texto, ainda que marcada pela dor. A morte da mãe e da irmã é narrada como um trauma coletivo — e não individual —, o que aproxima a narrativa das concepções de Miriam Alves, para quem a mulher negra é “sujeito coletivo da dor e da luta”, e sua voz carrega a força de uma ancestralidade que se recusa ao apagamento. Em *Pássaro de Césio*, a narradora assume a tarefa ancestral de testemunhar o genocídio, rompendo com o silêncio imposto às vítimas e transformando a memória em denúncia.

Elisabete Nascimento também se utiliza de intertextualidades eruditas — como as referências a Hitchcock, Edvard Munch e Auschwitz — para estabelecer um paralelo entre os grandes horrores da humanidade e as tragédias brasileiras contemporâneas. Ao fazer isso, universaliza a dor das periferias e inscreve o morro

como um campo de extermínio moderno. Essa estratégia literária reconfigura a geopolítica da literatura: o horror não está apenas na Europa ou na história distante, mas na favela carioca, que se torna o novo palco de Auschwitz, sob o voo frio dos drones.

O final do conto, em que a narradora pergunta “Você acredita em mim?”, é o ponto de convergência entre ficção e realidade, razão e delírio, denúncia e desejo de escuta. O leitor é interpelado eticamente: acreditar ou não nessa voz é decidir se permanece cúmplice do silêncio ou se se alinha ao testemunho. O gesto de narrar, assim, torna-se um ato de resistência e cura coletiva, conforme propõe Conceição Evaristo — escrever para existir, existir para romper o silêncio.

No contexto da literatura negra contemporânea, “*Pássaro de Césio*” consolida a contribuição de Elisabete Nascimento como uma autora que dialoga com o legado de Cidinha da Silva, Cristiane Sobral e Miriam Alves, ampliando o horizonte da escrevivência. Sua escrita atravessa a dor e a transforma em poesia e consciência, reafirmando o poder da palavra como arma contra o esquecimento. Em um cenário literário que ainda marginaliza vozes negras, o conto é uma convocação à leitura atenta e à escuta ativa — pois, como diz a narradora, se ela não contasse, “quem contaria esta história improvável?”